



## Heterogeneidade musical e diversidade social: Reflexões sobre uma pesquisa participativa na Maré

Alexandre Dias da Silva

[alexandredias.contatos@gmail.com](mailto:alexandredias.contatos@gmail.com);

Aline Gonçalves Lopes Silva

[alineflauta@gmail.com](mailto:alineflauta@gmail.com);

Diogo Bezerra do Nascimento

[cabecadesino@gmail.com](mailto:cabecadesino@gmail.com);

Elizabeth Moura de Oliveira

[elizabtmo@gmail.com](mailto:elizabtmo@gmail.com);

Elza Maria Cristina Laurentino de Carvalho

[elza.algoz@gmail.com](mailto:elza.algoz@gmail.com);

Inês Emery Pereira Franco Feliciano

[inaemery@gmail.com](mailto:inaemery@gmail.com);

Kleber Merlim Moreira

[kmerlimmoreira@yahoo.com](mailto:kmerlimmoreira@yahoo.com);

Rosana de Sousa Rodrigues da Silva.

[rosana\\_rose1984@yahoo.com.br](mailto:rosana_rose1984@yahoo.com.br);

Laboratório de Etnomusicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** Tendo em vista a diversidade musical existente no bairro Maré, neste trabalho temos por objetivo mapear e analisar alguns espaços de práticas musicais com maior número de frequentadores, relacionando-os à diversidade social observada no referido bairro. Para definir esses espaços, tomamos como base inicial os resultados do questionário referente aos gostos musicais e indicadores de acesso à música, concebido e aplicado de modo participativo por este coletivo de pesquisa no ano de 2006. Agregaremos também dados da observação direta dos moradores participantes do grupo em pesquisa de campo realizada em meados de 2012. Através dos dados do questionário, percebemos relações entre essa diversidade e a enorme quantidade de gêneros musicais citados quando foi feita a pergunta “qual tipo de música você mais gosta?” Para além disso, outras relações entre diversidade social e heterogeneidade musical ficam evidentes na análise dos dados e foram confirmadas nas idas a campo realizadas pelo grupo. Vale ressaltar que todas as análises, reflexões e conclusões deste trabalho, e suas etapas (pesquisas, textos, leituras, trabalhos de formação, etc) foram feitas de forma coletiva numa perspectiva de formação que vai para além do resultado da pesquisa.

**Palavras-Chave:** Música; Heterogeneidade Social; Maré.

**Abstract:** Recognizing the musical diversity existing in the Maré (lit: Tide) neighborhood, this work aims to map and analyze a number of the spaces for musical practice which have the highest number of attendees, relating them to the social diversity observed in the neighborhood. To define these spaces, we take as our foundation the results of a questionnaire relating to musical tastes and indicators of access to music, which was conceived and implemented in a participatory manner by our collective research team in 2006. We will also include data from direct observation conducted in mid-2012 through field research by the researchers who reside in the neighborhood. Through the questionnaire data, we noted relationships between the local diversity and the sheer number of musical genres men-



tioned when the question was asked "what kind of music do you like?" In addition, other relationships between social diversity and musical heterogeneity are evident in an analysis of the data and were confirmed during field trips undertaken by the group. Note that all analyses, reflections and conclusions of this work and its stages (research, texts, readings, training, etc.) were done collectively in an educational perspective that goes beyond the research results.

**Keywords:** Music; Social Heterogeneity; Maré.

Tendo em vista a diversidade musical existente no bairro Maré, neste trabalho temos por objetivo mapear e analisar alguns espaços de práticas musicais com maior número de frequentadores, relacionando-os à diversidade social observada no referido bairro. Para definir esses espaços, tomamos como base inicial os resultados do questionário referente aos gostos musicais e indicadores de acesso à música, concebido e aplicado de modo participativo por este coletivo de pesquisa no ano de 2006 junto a moradores de duas comunidades do conjunto de favelas da Maré, a saber, Baixa do Sapateiro e Nova Holanda. Agregaremos também dados da observação direta dos autores, entre os quais uma maioria de moradores da Maré, em pesquisa de campo realizada em meados de 2012.

O trabalho de campo teve como focos de observação dois dos itens da pesquisa de 2006, gênero e faixa etária dos frequentadores, além de: características físicas dos espaços, preço dos ingressos, performance dos músicos e públicos, instrumentos utilizados, estrutura sonora, emissão vocal, comportamento dos participantes antes/durante/depois, duração do evento e das performances. Nesses locais, os gêneros musicais com maior destaque foram: pagode, forró, rock e funk.

Os dados levantados em ambas as etapas da pesquisa foram cruzados e submetidos a um diálogo com literatura selecionada sobre as relações entre cultura e estratificação social. O grupo de pesquisa vem estudando desde 2004 diferentes contextos no bairro Maré em que ocorrem práticas musicais. Nesse período, uma de nossas atividades foi elaborar, aplicar e analisar, com a ajuda de um estatístico, um questionário com base censitária referente ao gosto musical dos moradores de duas das favelas que compõem o bairro. Após a aplicação do questionário, confirmamos algo que já havíamos percebido em análises preliminares, porém até aquele momento não quantificado: o fato de existir na Maré um gosto bastante heterogêneo entre os moradores, no que diz respeito aos gêneros musicais.

A partir de uma das questões selecionadas (que tipo de música você mais gosta?), foi elaborado um ranking dos gêneros mais citados. Algo bastante curioso nas respostas a essa pergunta foi, de imediato, o fato em si de as pessoas fazerem espontaneamente um exercício de classificação musical. Talvez respondendo a outro assunto que não música – por exemplo, política – esse exercício não fosse feito.

Após uma breve análise desse ranking, uma leitura que também podemos fazer é a comparação de alguns gêneros que a princípio aparecem dissociados, mas tem alguma relação de proximidade no que se refere às disputas de poder. O gênero forró, por exemplo, aparece em quarto lugar, entretanto sabemos existir subdivisões (Trotta, 2011) que se remetem a esse gênero, mas não estão explícitas na tabela. Para a discussão do tema, separamos o gênero em dois grandes subgrupos, a fim de facilitar o entendimento, que são: os chamados “forró eletrônico” e o “forró de raiz” ou “pé-de-serra”.



Fazendo uma análise desse gênero, a partir da literatura específica (Trotta, 2011 e Fernandes, 2004), percebemos uma constante disputa de poder entre grupos sociais, como por exemplo, os universitários adeptos do “farró pé-de-serra” ou os pequenos empresários nordestinos ligados ao marketing de bandas de “farró eletrônico” inseridos nesse contexto. De fato, nota-se uma disputa pelo poder simbólico (Bourdieu, 1993), tendo de um lado grupos economicamente dominantes e, de outro, grupos com menor poder econômico, mas que podem ser dominantes no sentido de reivindicarem controle da legitimidade. Ainda assim, a produção desses grupos com menor poder econômico tende a ser contestada pelos grupos economicamente bem-sucedidos, que disputarão esse controle e também reivindicarão legitimidade no campo em disputa (Garson, 2009). Levando em consideração os dados da pesquisa quantitativa, constatamos a existência de um número muito maior de artistas do “farró eletrônico” em comparação ao “farró pé-de-serra” que anteriormente era ouvido por uma classe subalternizada e hoje é considerado superior por alguns, usado como objeto de diferenciação intelectual e disputa de poder.

Seguindo a mesma linha, mas no que se refere ao pagode e ao samba, considerando que os dois possuem uma história comum e várias semelhanças em sua construção musical, nos chama a atenção que o primeiro gênero apareça em primeiro lugar e o segundo em décimo primeiro nas respostas relacionadas à preferência musical. De certo modo, isso também ocorre com o gênero romântico que se encontra em quinto lugar, e o brega em décimo terceiro. Essa diferença talvez possa ser atribuída ao fato de que mesmo alguém que entenda as músicas de sua preferência como próximas a algo classificável como “brega”, percebendo a carga negativa do estigma, prefira lhe atribuir a classificação “romântico” (Araújo, 1987).

Podemos observar outro exemplo claro dessa mobilidade de classificação e valores na história do gênero samba, que no século XIX era visto com maus olhos por parte da sociedade brasileira. Os espaços de samba eram considerados “locais de perdição” e muitas vezes a polícia levava presos os músicos que praticassem tal gênero, junto com seus instrumentos.

No fim desse século, o samba começou aos poucos a ocupar outra posição no jogo de valores artísticos da sociedade brasileira, e no começo do século XX seriam realizados seus primeiros registros sonoros (Araújo, 1992). Hoje, observamos a posição de “símbolo nacional” que o samba ocupa, refletido inclusive no seu registro como patrimônio imaterial pelo IPHAN em 2005.

Em outras condições sociais e históricas, o *funk*, uma música nascida em condições bastante parecidas às do samba no que diz respeito à marginalização e criminalização de suas práticas, foi e ainda é bastante perseguido e discriminado, tendo muitas vezes seus bailes proibidos. Ele aparece em sétimo lugar no ranking dos gêneros mais citados, no entanto, em primeiro lugar quando a pergunta é “que tipo de música ou artista você acha que as pessoas mais ouvem na Maré?”.

Não é por acaso que encontramos respostas supostamente contraditórias em relação a este gênero em nosso questionário. Gostar ou declarar que se gosta de algo são coisas muito distintas e passam por aspectos muito delicados de legitimação, afirmação e pertencimento (Garson, 2009). O que colocaria esses gêneros em posições tão diferentes em nossa pesquisa, em relação à disputa de poder, seria qual desses lugares eles estariam ocupando e que forças os identificam em um determinado contexto.



De que contexto se trata nesse trabalho, e quais os seus caminhos de formação? O processo de ocupação da Maré iniciou-se em meados de 1940, na região conhecida como morro do Timbau, período de construção da Avenida Brasil (1946), uma das principais vias de acesso do Rio de Janeiro, época marcada por um acelerado desenvolvimento da industrialização em áreas periféricas da cidade.

Diante desse novo arranjo socioeconômico, uma parcela da população em geral oriunda de regiões mais pobres do país, rumou em direção ao Rio de Janeiro em busca de emprego e melhores condições de vida. O fato de a região ter se tornado uma zona industrial, além do alto nível de especulação imobiliária nas áreas centrais do Rio de Janeiro, fez com que a Maré passasse gradualmente por um processo crescente de ocupação e favelização, marcado por forte presença de populações nordestinas e pessoas removidas de outros pontos da cidade.

As regiões da Maré nas quais realizamos o trabalho de campo em meados de 2012, se originaram e se desenvolveram entre 1940 e 1980, na seguinte ordem: Morro do Timbau, Baixa do Sapateiro, Parque União, Nova Holanda, Vila do João, Vila do Pinheiro.

A ocupação da Maré apresenta uma grande variedade social e cultural, o que pode ser percebido com base no questionário aplicado em 2006.

Em nossas idas a campo, fomos a dois locais da Maré que concentram grande público em eventos de forró. No primeiro, a Praça do Parque União localizada às margens da Av. Brasil – freqüentada por moradores da Maré e de outros pontos da cidade – percebemos claramente elementos da cultura nordestina. No segundo, localizado na Vila do João, e de menor investimento, percebemos, salvo algumas diferenças na composição dos instrumentos musicais, um perfil de público semelhante.

Em relação ao *funk*, alguns aspectos levantados a partir da pesquisa realizada em 2006, podem ser novamente observados através das análises nos trabalhos de campo de 2012 – agora realizados em bailes *funk* do Parque União e Vila do João – no que se refere à faixa etária de seus frequentadores, cuja maior parte era jovem.

Uma variável que nos chamou atenção na pesquisa quantitativa de 2006 foi a classificação dos entrevistados a partir de sua cor – tendo como critério a auto-declaração baseada na referência do IBGE – comparados com o gênero musical escolhido por eles. Nos estilos *funk*, rock e pagode a maioria se definiu como pardo, seguido por outras classificações. E no gênero forró, predominou o branco seguido por pardos e pretos. Interessante ressaltar que a maioria dos entrevistados que optaram pelo *funk* denominaram-se como pardos e não pretos, dado que para nós, pode questionar um senso comum acerca dos “*funkeiros*”.

Através dos dados do questionário, percebemos relações entre essa diversidade e a enorme quantidade de gêneros musicais citados quando foi feita a pergunta “qual tipo de música você mais gosta?” Para além disso, outras relações entre diversidade social e heterogeneidade musical ficam evidentes na análise dos dados e foram confirmadas nas idas a campo realizadas pelo grupo, considerando ainda o contexto de origem e desenvolvimento da Maré. No que se refere à disputa de poder, dados da pesquisa quantitativa indicam que as lutas marcadas pelo fator econômico na disputa de poder simbólico são notadas com mais nitidez no forró. No pagode e no samba tal disputa também é notada, entretanto parece mais



clara uma luta por legitimidade não deixando de considerar o fator econômico. Procuraremos aprofundar essas questões no artigo aqui resumido.

#### REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Samuel. Brega: *Music and Conflict in Urban Brazil*. Dissertação de mestrado em Música. Urbana: Universidade de Illinois em Urbana-Champaign, 1987.

\_\_\_\_\_. *Acoustic Labor in the Timing of Everyday Life: A Critical History of Samba in Rio de Janeiro, 1917-1990*. Tese de doutorado em Musicologia. Urbana: Universidade de Illinois em Urbana-Champaign, 1992.

BOURDIEU, Pierre. *The Field of Cultural Production; Essays on Art and Literature*. Org. Randall Johnson. Nova York: Columbia University Press, 1993.

FERNANDES, Adriana. “Forró: Música e Dança ‘de Raiz’?” In: *Anais do V Congresso da IASPM-AL*, 2004. Disponível em: <http://www.iaspmal.net/anais/rio2004/pdfs/> (Último acesso: 15/04/2013)

GARSON, Marcelo. “Bourdieu e as Cenas Musicais – Limites e Barreiras”. In: *Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 32. São Paulo: Intercom, 2009.

TROTTA, Felipe. “*Música Popular, Valor e Identidade no Forró Eletrônico do Nordeste do Brasil*”. Manuscrito não publicado, 2009.